



Gaiato



Quinzenário • 4 de Novembro de 1989 • Ano XLVI - N.º 1191 - Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

1 Foi colocada, ontem, a primeira pedra a anunciar, para breve, o início da construção de algumas moradias para os rapazes da Casa do Gaiato.

Esquecemo-nos da máquina fotográfica e do convite aos grandes meios de Comunicação Social.

A festa foi simples. Estiveram presentes os interessados, mais um grupo de pessoas amigas, empenhadas no trabalho a realizar e dispostas a ajudar: o Presidente da Câmara de Penafiel e três responsáveis do Instituto Nacional de Habitação. A obra é da responsabilidade directa da Cooperativa de Habitação Econó-

mica dos Gaiatos. A direcção é deles. A iniciativa foi deles. E não-de ser eles a levá-la até ao fim.

Na encosta do lugar de Vales, na freguesia de Paço de Sousa, quase sem ninguém dar conta, naquela manhã de domingo houve um acontecimento muito importante. As coisas grandes, que deixam marcas a indicar o caminho certo, nascem no silêncio do coração; vêm à luz do dia discretamente; crescem e realizam-se para a felicidade das pessoas. São 19 talhões que irão acolher outras tantas casas de família.

Bem sabemos que o problema da habitação vai continuar de pé. Este gesto é uma gotinha de água.

Creemos, porém, que o seu brilho, pelo bater da luz do sol, é tão intenso que pode convencer os governantes, as autarquias e as pessoas a dar passos decisivos na busca da solução do problema da falta de casas, em Portugal. É tão simples o que parece tão complicado! Basta querer!

2 À hora da celebração da Eucaristia deste domingo, foi o Baptismo do Diogo Alexandre, filho da Emília e do Alexandre que a Casa do Gaiato ajudou a preparar-se para a vida. Não fosse a alegria dos pais e a circunstância do acontecimento estar ligado ao da nota anterior,

o facto passaria despercebido.

Alguns dias antes, passei pela casa do Alexandre e da Emília, em companhia doutro casal nascido na Casa do Gaiato de Benguela. Respirava-se felicidade, harmonia e paz. Estavam na sua casa que vão pagando, mensalmente, com o fruto das suas economias. O bem que é ter uma casa para viver!

Há uma nota que não pode passar no esquecimento: enquanto se preparavam para o casamento, iam poupando e pagando com o fruto do seu trabalho, a quota exi-

gida para a casa que há-de ser definitivamente deles.

Muitos jovens e filhos seguem outro caminho. Invertem a ordem dos valores. Em vez de pouparem para, no futuro, terem a sua casa, gastam no supérfluo ou trocam o mais importante pelo menos necessário. Estou a lembrar-me, por exemplo, da relativa facilidade com que compram um automóvel, em vez de sensatamente porem o dinheiro a render para o essencial que é ter a sua casa.

Cont. na página 4

SETÚBAL

O Verão trouxe-nos algumas ajudas pessoais. Isto é, houve gente que renunciou às suas férias ou parte delas e nos deu colaboração, presença amiga e trabalho.

Nós retribuimos com o estímulo e a revelação da nossa vida.

A convicção, mesmo entre os praticantes, de que a Casa do Gaiato é bastante conhecida e que pouco há a receber dela, da sua vida íntima, parece geral.

Aparecemos aos olhos de grande parte como mais uma instituição vulgar, sem novidade evangélica. O carisma da doação absoluta, radical e continuada aos Pobres, que aqui se vive para revelar o Grande Pobre — Jesus Cristo — desvanece-se perante o olhar longínquo, a ignorância consequente e a apatia verificada. Causa-nos arrepios ver, com dor, como é que há tantos anos ainda não despertámos para nós, nesta Igreja Setubalense, uma única vocação.

Tenho, perenemente, gravada nos meus ouvidos a expressão espontânea e natural duma rapariga de Setúbal, em Fátima, quando os Padres da Rua e outros colaboradores foram chamados a dar o seu testemunho na Semana de Pastoral Social que ali se realiza, anualmente: — Ah!, a Casa do Gaiato conheço eu bem. Escolho outra área de reflexão. É ela que só conhece as paredes e alguns rapazes, convenceu-se erradamente dominar a vida e a mística que esta Obra encerra.

Deram-nos uma semana duas mães de família, da Amadora, vicentinas de fé e de coração, gente farta de afectividade, de equilíbrio e de senso. Gente pobre, humilde, trabalhadora e compreensiva, que nos aliviou com a sua disponibilidade e comunhão. Mais outras duas, de Arrentela, uma semana também. Repetição, aliás, do que tinham feito o ano passado. Gente que começa a sentir-se à vontade connosco e nós com elas.

Alguns seminaristas — um de Aveiro e outro de Portalegre — escolheram, também, quinze dias para estar connosco. A maior sensação veio da Holanda: dois seminaristas teólogos, a pedido do seu Reitor, quiseram conhecer-nos e viveram em nossa Casa três semanas. Um deles, de origem brasileira, falava bem o português e servia de intérprete entre nós e o seu companheiro.

Jovens com profundidade cristã — em busca de pistas para uma consagração sem farsas.

Participaram, ainda, da nossa vida — quinze dias, também — um grupo de rapazes e raparigas da Universidade Católica. Fizeram em tudo uma vida igual à nossa. Foram dias de grande enriquecimento mútuo.

Um dos mais dedicados expressava-se da seguinte maneira: — Tenho ido tantas vezes à Casa do Gaiato de Lisboa e não fazia a mínima ideia do que é por dentro uma Casa destas!

É verdade, a nossa vida não se revela facilmente em exposições, conferências, livros, palestras ou, ainda, visitas fortuitas. Só a entende quem mergulha. Uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes em contínua elaboração, com sentido puro da responsabilidade, só se acredita quando se vê.

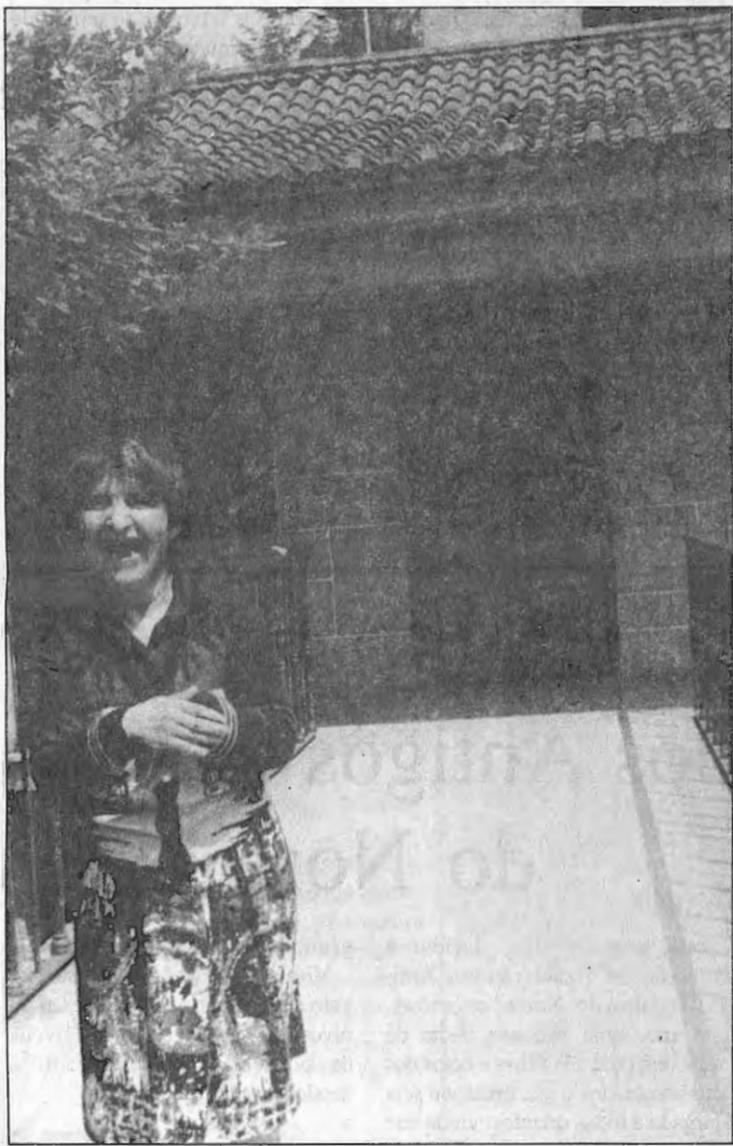
Uma família só se percebe quando se sente.

CALVÁRIO

São pessoas humanas. Por mais diminuídas, há sempre nelas um valor que pode ser a todo o momento posto a render e a dar-lhes, conseqüentemente, a alegria de verem que são chamadas à ajuda fraterna. E o trabalho que cada qual desenvolve, consoante o que pode, é a grande terapêutica na invalidez. Nunca se proíbe o doente de trabalhar. Trabalha até ao fim. Às vezes é só de mãos postas, em comunhão interior com os outros. Mas isto é trabalho também.

Quantos pesos mortos na Nação que, em ambiente propício, deixariam de pesar para, em contrapartida, servirem de benefício! É a experiência que no-lo ensina. De facto, parece mais fácil e cómodo deixar o Lixo nas ruas. Mas temos que suportar o mau cheiro e tropeçar nele.

Padre Baptista



Padre Acílio

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• A vida dos Pobres, por ser como é, ainda que pareça, não se repete. Cada um sofre a seu modo.

Aquela pobre mulher cujo marido é pensionista, não dispensa — para o casal viver com o mínimo de decência — um complemento dos nossos leitores. «A reforma é piquena. Uma chisca!» Continua a desabafar: «Esta chisca tem a gente de comer, de comprar remédios — e não chega. Não chega a nada! O Senhor nos acuda!» Espírito de Fé!

Se o cristão consciente tem sentido de missão, o servo dos Pobres recebe muito mais do que anuncia. O reino dos Pobres é uma universidade! Aliás, as vezes que acompanhámos Pai Américo, pelos antros miseráveis, estava atento, muito atento à oração do Pobre: nos gemidos, nas lamentações, nos desabafos — nas suas invocações.

Outros, lamentar-se-iam doutra maneira. Talvez certa. Mas esta pobre anciã é de lágrimas nos olhos. Lamento acutilante, porquanto estamos na presença duma vida muitos anos vivida; porém, bem mais dolorosa, no acaso!

Por esse mundo fora, graças a Deus, há recoveiros dos Pobres a suprir carências para que a Velhice seja menos dolorosa.

• Os problemas da doença, por vezes, também são graves. Ajudamos os casos de mal prolongado. Os Pobres têm a medicação prescrita pelo clínico, até que o Senhor os chame ao Reino dos Justos.

Mas há um aspecto importante, neste domínio: os novos Pobres. Aqueles que tendo a sua vida normal, integrados no meio, vem a doença, uma incapacidade temporária, e vai-se o pequeno aforro e a cruz atinge o calvário.

Nestas situações, a acção precisa de ser discreta. Curiosamente, um ou outro, no contacto com o vicentino, dá o stop na hora própria: «Agora, já não preciso... Graças a Deus!»

PARTILHA — O Sonnemberg trouxe o habitual sobrescrito, com mil escudos, que um Amigo, da Invicta, entrega à porta da igreja da Trindade. «Uma portuense qualquer» manda «as migalhinhas referentes aos meses de Agosto (atrasada por estar doente) e a de Setembro. Continuo a louvar o Senhor pelas ajudas oferecidas a tantos Irmãos carecidos — de alguém que se interessa pelos seus variados problemas».

Um assinante, de algures, que deseja anonimato — «não precisam de fazer qualquer referência n'O GAIATO, pois o débito na conta bancária é para mim sinal de que chegou o cheque ao seu destino» — reserva uma parte do óbulo para os nossos Pobres e faz um voto: «Daqui em diante proponho não me distrair tanto na ajuda aos casos por vós apontados, pois somos todos irmãos em Cristo — que nos ensinou o valor da Caridade para com aqueles que estão mais necessitados».

Com «saudações fraternas», recebemos «a partilha de Setembro» (11.000\$00) de «Uma assinante de Paço de Arcos». Demos graças a Deus por tanta persistência. Mais 4.500\$00 de «Uma lisboeta» que acentua: «Nada de agradecimentos! É dever nosso unir-nos em amor, em defesa de tanto mal que envolve o mundo!»

Para um caso referido nesta coluna, outro cheque de uma Amiga, das terras do Sado, agradecendo «os artigos mencionados n'O GAIATO e que nos ajudam a seguir em frente». Na mesma linha — pelo mesmo problema — 7.500\$00 de Belazaima (Águeda), sublinhando: «No caso de a situação da Pobre continuar aflitiva, farão o favor de dizer algo n'O GAIATO». Mãos dadas!

O assinante 39967, de Mosteiró (Feira), um cheque repartido, tocando 6.000\$00 à «Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, para aplicarem e usarem como melhor entenderem». Agora, mais outro, do assinante 3359, do Porto, «pequena oferta para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e para o que acharem mais premente». A remessa habitual, do Fundão, em acção de graças «pelas melhoras do meu irmão». Damos mais graças a Deus!

«Avó de Sintra» com a oferta para a «Família do costume» e um mea culpa, muito sentido, pelo atraso: «Os meus 87 anos já começam a dar sinais de fraqueza na memória». Tem uma alma jovem! Mais um conto do assinante 10704, de Portuzelo.

Rua Fonseca Cardoso, Porto, três mil escudos destinados a um problema referido nesta coluna — que tencionamos amenizar da melhor forma. Este amigo afirma que o seu óbulo «bem pouco é, mas somos um grupo bastante pequeno». Trata-se dos Amigos de D. António Barroso que, durante muitos anos, compareceram nesta procissão, lembrando tão ilustre Prelado.

O avô do assinante 26470, de Nogueira do Cravo, oferece uma terça parte para a renda de casa duma viúva, «em sufrágio da alma de minha esposa», afirma. No mesmo dia, vale de correio da assinante 27063 «para a família mais necessitada».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VINDIMA — A tarefa alegre da colheita das uvas, foi realizada, com muito entusiasmo, pela nossa malta. Houve mais vinho que o ano passado. Oxalá, no próximo ano, se repita, com êxito.

A uva branca foi vendida à firma da Aveleda e algum vinho tinto. Já começou a poda das videiras.

SILÓ — Há uns anos atrás, trabalhar no silo era muito mais difícil! Hoje, é totalmente diferente porque alugamos uma máquina óptima, que faz todo o serviço e, na verdade, simplifica o trabalho em todos os aspectos. As nossas vacas bem o merecem porque, na nossa vida, são muito importantes: Dão-nos leite e carne; estamos em idade de crescimento, são bons alimentos para o desenvolvimento físico de todos nós.

PORCOS — Duas porcas (há meses atrás) tiveram crias, mas, infelizmente, metade dos porquinhos morreram. Ficámos muito tristes, mas a vida é assim.

FUTEBOL — Depois da nossa equipa estar três meses em descanso, no dia 21 de Outubro defrontámos os juniores de Penafiel. A primeira parte foi equilibrada com uma bola a zero, a favor deles. Na segunda, tudo mudou: Entrámos em campo com outra tática, mas os nossos planos não correram como prevíamos e fomos surpreendidos por uma tática superior à nossa. É claro, resultado a favor dos visitantes.

Vitor Luís Alves («Andorinha»)

MIRANDA DO CORVO

ANO LECTIVO — Começou mais um ano lectivo. Trinta e quatro dos nossos rapazes andam em Coimbra, frequentando o Curso Unificado, até ao 11.º ano. O nosso Zé Luís anda no 2.º ano da Faculdade de Economia.

Também começou a escola para os nossos rapazes de Miranda do Corvo. Este ano são muitos! Grande parte, pequenitos, da 1.ª classe. São quatro professores.

Fazemos votos de que cheguem ao fim com bom aproveitamento.

CATEQUESE — Organizámos os grupos de Catequese, orientados pelo Tonito e o Ângelo, auxiliar; José António «Chola», a professora Maria Helena, a sr.ª Maria de Lurdes e o nosso Padre Telmo. O Tonito e o Ângelo, com os mais pequenitos; o José António com a malta que se prepara para a primeira Comunhão; a sr.ª Maria de Lurdes lecciona o 3.º volume de Catequese, a sr.ª Professora o 4.º e, por fim, o nosso Padre Telmo está a preparar os rapazes para a Profissão de Fé.

ANIMAIS — Chegaram porcos e pintainhos. Agora temos rapazes para tratar dos animais: Um, cuida das galinhas e dos pintainhos; outro, dos porcos; e outros dois tiram o leite às vacas. Leite tão saboroso ao nosso pequeno-almoço! A cadela teve uma ninhada de 11 caezinhos adorados pelos nossos rapazes.

OBRAS — Os pedreiros que reparavam o muro atrás das nossas oficinas, já acabaram; agora, os nossos rapazes, antes de irem para a escola, acarretam a terra em padiolas, para taparem os buracos.

No princípio das férias grandes, o sr. João, com alguns rapazes, começou a dar uma arranjadela à Casa que estava mesmo a precisar de uma volta. Principiaram pelas janelas da casa-mãe e já estão prontas. Também o sr. António e o filho deram uma pintadela à casa, por fora. Está muito bonita.

Alertamos para quem nos queira visitar, que as nossas portas estão abertas, e é com muita alegria que recebemos os nossos Amigos. De certeza ficarão satisfeitos.

Serafim e Ângelo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — São muitas as cartas e ajudas que recebemos, graças a Deus. Os apelos têm sido satisfeitos. Dois amigos, um deles da Holanda, comprometeram-se a pagar o leite aos filhos de dois dos nossos Pobres.

Quanto aos livros escolares, uma professora prontificou-se a oferecê-los. Já estão servidas as nossas crianças. Agora, só desejamos bons êxitos nos estudos.

Para a ajuda da casa, continuamos a receber donativos. Lamentamos que não esteja resolvida esta situação. Ainda ontem, na nossa reunião, fomos informados pelo nosso director espiritual que o assunto está agendado há muito, mas nunca mais é tratado na reunião camarária.

Ao casal que se prontificou a ficar com uma neta da D. Alzira, fica sem efeito. A mãe e a avó não consentem que as meninas saiam de casa. É pena, porque não vemos com bons olhos o futuro daquelas meninas; com o tempo veremos o que irá acontecer.

Aproveitamos esta crónica para fazer um apelo aos casais gaiatos: Se tens espírito vicentino junta-te a nós porque temos muitos irmãos à espera da nossa ajuda. As nossas reuniões são nos dias de venda do jornal, no Lar do Porto, às 21 horas. Contamos contigo.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 25922, 1.000\$00; assinante 4589, 1.000\$00; Loures, 1.000\$00; anónima, de Rio Tinto, 500\$00; Aurora, 500\$00; assinante 10737, 20.000\$00; anónimo, 1.000\$00; assinante 19177, 5.000\$00; assinante 4389, 5.000\$00; assinante 27503,

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

500\$00; assinante 26152, 3.000\$00; Maria Adelaide, 2.000\$00.

Endereço da Conferência de S. Francisco de Assis: Lar do Porto, Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO.

A todos os nossos amigos, um muito obrigado.

Casal Vicentino

POBRES

Depois de perguntar, aqui e acolá, fomos dar com a casa onde moram, à beira dum pinhal. Os Pobres que o são de verdade, não escondem nem exageram. Confiam. Abrem as portas para que entremos e vejamos com os próprios olhos.

Na margem do caminho por onde seguimos e no lugar onde parámos, havia um monte de papéis velhos à espera do transporte, onde a família vai buscar o seu ganha-pão. Se não havia sinais de fome, havia, sim, indícios que apontam para outro tipo de desgraça: Uma filha com 18 anos, já na rampa da miséria moral; outra, com 14, na mesma linha; mais dois filhos.

Quem escolhe estes caminhos na vida, carrega, todos os dias, com a cruz daqueles que encontra. Tanto mais feliz há-de sentir-se quem mais interessado estiver em acompanhar, de perto, a vida destes Pobres. É que não se pode pensar em ajudá-los a andar sem conhecer a situação em que vivem. Por fora e por dentro. Só num ambiente de confiança é possível um trabalho sério e eficaz, enquanto é tempo. Os leprosos do tempo do Senhor confrontaram-se com as leis de então e, porque tinham confiança, perderam o medo, gritaram por misericórdia e foram curados. Antes, deu-se o encontro. Há que ir aonde os Pobres estiverem.

Esta família de que vos falo começou a levantar as paredes da casa para se abrigar. Faltou-lhes o acompanhamento. É pobre de tudo. Em vez duma casa nasceu uma barraca do trabalho feito. Quando chove tem que arrumar as camas. Quando sopra o vento forte e faz frio, não há roupa que chegue. Não houve quem a acompanhasse. Agora, é mais difícil e mais caro. Em vez de prevenir, há que remediar.

Bem sabemos que situações como esta são muitíssimas. Donde a necessidade de estimular a formação de pequenos grupos nas comunidades que acompanhem, depois de os descobrir, casos como estes. São os grupos socio-caritativos.

À hora em que estas notas poisam no papel, a chuva cai em abundância. Esperamos que o remédio tenha chegado a tempo de tapar os buracos, até chegar o momento da cura definitiva — em vez do barraco, a casa pobre, mas digna.

Padre Manuel António

ASSOCIAÇÃO dos Antigos Gaiatos do Norte

Pela primeira vez, decidiu a Direcção da Associação dos Antigos Gaiatos do Norte, organizar, este ano, uma pequena Festa de Natal dedicada aos filhos e netos dos seus associados e que pretende seja alargada a todos quantos, ainda que não Associados, pertençam à grande Família dos Gaiatos. Visa a Associação, com este singelo acto, criar as condições mais favoráveis ao encontro e convívio da nossa já numerosa Família, dando, deste modo, aos seus descendentes a oportuni-

REFLECTINDO

★ Educar é amar. Amar não é, somente, dar a vida numa vez, mas ofertá-la em todos os instantes. Dar atenção nas pequeninas coisas. Falar. Sorrir. Isto dentro dum clima de alegria e tolerância, embora (e muito importante) exigindo o bem, a beleza e o dever. Estes, naturalmente, surgem como as flores num clima de paz e compreensão.

Mas se eu não estou com o meu filho e não convivo com ele, como posso dar-lhe atenção, sorrir e ser compreensivo na exigência de sua conduta?

Acumulo minhas emoções e, nuns minutos ou num domingo, as despejo em cima de sua cabecinha tenra e o abafado com gulodices, brinquedos e, o que é mais grave, deixo que sua vontade se imponha e nasça o broto do egoísmo que irá crescendo, crescendo. Se ele não for extirpado, será eucalipto ou carvalho e tomará conta de tudo.

★ — Tão alegres e felizes que vocês são lá em casa! — disse a uma amiga que tem sete irmãos.

— Sabe?, repartindo entre nós os rebuçados, os brinquedos e as roupas, aprendemos como que a repartir o nosso coração; e sabe que a doação de nós aos Outros é fonte de alegria.

Sim, sermos capazes de repartir o que nós estimamos... Não, somente, o que se come e veste, mas o dom da alegria, o dom da esperança e a sabedoria.

★ Encontrei-os — pai e filho — debruçados no parapeito duma albufeira. O pai embevecido, a conduzir o filho à beleza das encostas, duma ilha reflectida nas águas e duma águia no ar... O filho, atento, atento... O pai rematou: «Deus é maravilhoso e grande!»

Como este pai possui o dom da

dade de melhor se conhecerem e partilharem o grande privilégio que constitui ser Gaiato.

O convívio vai realizar-se na sede da Associação — Lar do Gaiato do Porto — na Rua D. João IV, 682 — às 15 horas do dia 17 de Dezembro (Domingo), com um programa aliciante para os pequeninos (filhos e netos, até à idade dos 10 anos). Haverá festa, brinquedos e uma pequena merenda.

Para que tenhamos ideia dos pequeninos que vão estar presentes, solicitamos que nos envie, até 10/11/89, o boletim que irás receber pelo correio.

Ainda que dirigida a associados, se conheceres algum antigo gaiato que não esteja inscrito, mas queira participar com os seus familiares, não hesites: convida-o! Dá-nos nota do convite ou pede-lhe que nos contacte.

Não faltes! Traz os teus! Vai ser uma festa para recordar!

Fernando Marques

fé, vai pondo sementinhas de Deus no coração do filho.

Se eu der ao meu filho tudo — bens, brinquedos, passeios, alegria e ciência — mas não puser no seu coração a semente da Fé, ele ficará sempre pequeno diante das belezas criadas e sem esperança em frente da Eternidade.

★ — Deixe-me comprar um diário para ver os programas da televisão... — disse-me, em viagem, um amigo.

— Para quê os programas?

— Eu lhe digo...

E falou, falou...

O sentido foi este: Os pais não podem entregar os filhos à escola e à rua e ficarem tranquilos. A escola

ensina, mas nem sempre educa; a rua, na mesma.

Os pais terão, todos os dias, que poeirar com cuidado e lançar fora as sementes que não prestam. Isto na calma do lar e nos momentos livres do fim do dia e do fim-de-semana. São estes, se os pais quiserem, os momentos mais importantes e decisivos para a formação do carácter e educação dos filhos.

Custará muito caro a muitos pais a sua fraqueza no dar ao botão para cortarem os maus programas televisivos.

Ora, aqui deixo o recado deste amigo.

«Quem quiser ouvir, oiça».

Padre Telmo

Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

Para comemorarmos a data de nascimento de Pai Américo, nada melhor do que o lançamento da primeira pedra para a construção de moradias para os seus filhos. Neste aspecto, mais uma vez a Obra da Rua mostra ao mundo que é uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

22 de Outubro de 1989 será uma data que ficará gravada na história da nossa Cooperativa. Às 10 h, Padre Manuel António procedeu à bênção da primeira pedra do nosso primeiro empreendimento: a construção de um conjunto habitacional para os nossos irmãos gaiatos, com família constituída ou a constituir.

Presentes na cerimónia: Presidente da Câmara Municipal de Penafiel, representantes do Instituto Nacional da Habitação, Padre Manuel e Padre Carlos, outras entidades e antigos gaiatos acompanhados dos seus familiares. Uma cerimónia simples, muito tocante no coração dos presentes.

Após a cerimónia religiosa, José Eduardo descreveu os passos da Cooperativa e que damos o nome do Dr. Coutinho Pais à praça do conjunto habitacional, pois foi o grande impulsor da nossa acção quando presidente do I. N. H. Este Amigo faleceu, há cerca de três meses, num acidente de viação — e testemunhamos, assim, a nossa gratidão. O I. N. H., do Porto, através do Dr. Eurico Basto, Eng.º

Defensor e Arq. Barbosa orientaram a constituição da Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos.

Padre Manuel acentuou o grave problema habitacional do País: Milhares de famílias vivem em condições impróprias de seres humanos. Realçou a necessidade das autarquias, e entidades oficiais ligadas ao sector da habitação, colaborarem eficazmente na resolução deste gravíssimo problema nacional. Lembrou que Pai Américo não era grande entusiasta do lançamento de primeiras pedras, mas do telhado — sinal de que a construção estava efectuada.

Justino do Fundo, Presidente da Câmara Municipal de Penafiel, encerrou a cerimónia com palavras que nos alegraram muito: A Câmara tomara a seu cargo, também, o fornecimento de água às moradias. Devemos salientar que a equidade penafidense tem-nos dado todo o apoio solicitado. Que sirva de exemplo a outras que, brevemente, iremos contactar. Se todos ajudarem, poderemos atenuar um pouco o sofrimento de muitas famílias e, amanhã, teremos um Portugal melhor.

OFERTAS — Para o fundo especial da Cooperativa recebemos 10.000\$00 do assinante 22714 e 1.300\$00 do Abel Magalhães.

O nosso muito obrigado.

Carlos Gonçalves



A primeira pedra e alguns participantes na cerimónia.

AQUI, LISBOA!

ENTRAMOS no vigésimo sétimo ano da nossa presença nesta Casa do Gaiato, apenas com um pequeno hiato entre 1975 e 1976 e duas ausências forçadas, de alguns meses, por motivos de saúde. Aqui há anos apareceu-nos, enquanto almoçávamos, o sr. Padre Adriano, para matar saudades, ele que foi o iniciador da Obra nos arredores de Lisboa, tendo-me perguntado se esta Casa ainda continuava a ser difícil. Ante o nosso olhar sorridente e interrogativo, rematou, na presença do nosso Júlio Mendes, ocasionalmente presente: «Bem, no meu tempo, era considerada a mais difícil!». Jamais esquecemos o ouvido, que a memória ainda continua funcionando...

Vai esta dependência da Obra da Rua fazer 42 anos no princípio de Janeiro, tendo sido, na ordem cronológica, a terceira a ser criada, logo depois das de Miranda do Corvo e de Paço de Sousa. Entretanto, por ela quase passaram mais Padres do que pelas outras todas juntas, facto que deve querer significar alguma coisa.

Situados em plena região saloia, numa zona profundamente descristianizada, metidos cada vez mais no aglomerado populacional, tudo parece contribuir para dificultar a nossa acção, pese embora a bondade das pessoas e a amizade de muita gente, o que é deveras agradável salientar. Os tempos são, no entanto, complexos; e, educar, cada vez mais difícil. Os anos passaram e, naturalmente, as forças têm vindo, progressivamente, a declinar. Vamos fazendo o que podemos e não aquilo que desejaríamos. Ninguém, porém, com justiça, deve exigir de nós aquilo que já, infelizmente, não é possível realizar, aguardando a hora derradeira confiados na Misericórdia de Deus, na linha do que Pai Américo nos deixou escrito: «Os 'padres da rua' são, dentro da Obra, o toque espiritual das almas que lhes estão confiadas. Eles são, por natureza, o pai de família; o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte».

De acordo com o que escrevemos no último jornal, de darmos conta dos sonhos ou anseios presentes no nosso espírito, eles aí vão.

Em primeiro lugar, mais do que tudo, desejaríamos encontrar quem, na linha de fidelidade à Obra que nos foi legada, fosse capaz de assumir a responsabilidade da Casa ou que nos pudesse ajudar, temperando a experiência e os anos com a fogueira e a força da juventude. Somos dos poucos padres que sempre estiveram sós, além de que, pelas proximidades da Capital, fomos, ao longo dos anos, como que a guarda-avançada no tratamento dos problemas que a toda a Obra e suas iniciativas disse-ram respeito.

Em segundo lugar, ansiamos por arranjar monitores ou chefes de oficinas capazes, já que por mortes, doenças e outros factores, alguns pouco agradáveis, nos encontramos desfalcados. Assim, precisamos de alguém para a carpintaria, a serralharia e a secção de obras. Mas esse alguém supõe, claro está, não só um mínimo de capacidade profissional como de equilíbrio humano, que nos ajude a educar e não a destruir, o que nem sempre é fácil juntar nas mesmas pessoas.

No aspecto material aguardamos o fim da construção da Capela, que vai seguindo o seu curso, mau grado certas dificuldades que nada têm a ver com a sua erecção. A concessão prometida de terreno, em S. Julião da Ericeira, ainda não foi conseguida, facto que tem atrasado a construção da casa da praia. Esperemos, com fé, que a situação actual seja desbloqueada para darmos início à obra. Não podemos, de modo algum, desanimar.

Um outro sonho, de há muitos anos, continua por concretizar. Referimo-nos à construção de casas para os Rapazes, em terreno adquirido há bastante tempo para o efeito. Certos de que as forças nem sempre ajudam, ainda esta semana tivemos uma reunião com o sr. Vereador da Câmara de Loures, do Pelouro respectivo. Neste aspecto, como em tudo, há que ser perseverante e firme.

Lá para o ano que vem pensamos que será possível construir o tanque-piscina projectado e, eventualmente, fazer um furo para captação de água que o há-de alimentar, se outra não puder ser a solução. Aproveitar-se-á a sua construção para rega dos campos que cultivamos e para refrescar os Rapazes na época estival.

No velho palácio patriarcal, totalmente ocupado ao serviço da comunidade, temos feito enormes despesas com a sua conservação, esperando que a Câmara Municipal nos ofereça as tintas para o pintar, já que tal é indispensável. Entretanto, aguardamos que seja possível recuperar alguns aspectos de fundo artístico, de que só trabalho especializado é capaz. Para o efeito contactámos quem de direito e temos a promessa de que alguma coisa será feita nesse sentido.

O pavilhão polivalente que construímos, já há anos, vai ser dotado de tabelas e equipado, no aspecto desportivo, de material adequado, graças à generosidade de alguns Amigos. Por sua vez, o campo de futebol, obtido o material necessário (oferta da Câmara Municipal), vai ser melhorado no seu piso e no esgoto das águas pluviais.

Eis, para conhecimento dos nossos Leitores, alguns aspectos que nos preocupam ou acções que temos em curso. Tudo, porém, só tem sentido como serviço aos Rapazes. Saibam eles compreender os esforços feitos e aproveitar deles o melhor que puderem, para verdadeiramente serem Homens. Quanto ao mais, só nos resta a certeza de continuarmos a ser «servos inúteis» que se alegram que outros, mais capazes, sejam capazes de fazer mais e melhor.

Padre Luiz

PAI AMÉRICO

● 22 de Outubro. Por ser domingo, o dia mais acessível a todos, antecipou-se a celebração do aniversário de Pai Américo que ocorre nas primeiras horas de 23. Contas que nós ainda fazemos, mas já não contam na intemporalidade em que ele vive.

O programa foi simples, familiar, pleno de vida como é timbre da Obra. Os nossos velhos Rapazes que assumiram a Cooperativa de Habitação, «deles, para eles, por eles», escolheram a data para o arranque do empreendimento. Oxalá não tarde o construtor que lhe dê corpo. Mas o relato do acontecimento também a eles compete e decerto o fazem, ainda nesta edição de O GAIATO se lhes for possível.

Eu é que recuei uns trinta e cinco anos e revivi o primeiro anúncio deste pensamento, agora em transe para a realidade. Foi num daqueles momentos íntimos em que Pai Américo, de olhos fechados para ver

TRIBUNA DE COIMBRA

● Na manhã de quarta-feira a igreja de Santa Cruz esteve cheia de fiéis, amigos de José Tenório. Junto do altar, rodeado de muitas flores, estava o seu corpo morto. A Eucaristia foi participada com cânticos pelo grupo coral e por toda a assembleia. José Tenório fez parte deste grupo coral. No fim da Comunhão, a filha cantou o hino da ressurreição. Foi uma mensagem sobrenatural de Esperança.

José Tenório mereceu esta homenagem. Os últimos meses de vida foram para ele de muito sofrimento. Guardo no coração e na alma as palavras de despedida no quarto dos hospitais: «Lembre-me sempre ao Senhor».

Nestes dias de dor pela ausência deste Amigo, tenho recordado tantos dos nossos encontros! Tantas carradas que José Tenório trouxe no seu carro para nossa Casa! Tantas vezes nos sentámos à mesma mesa. Tanta mimos e boleias aos nossos gaiatos!

Que viva em Paz na Casa do Pai que ele procurou servir e amar.

● Ontem, de manhã, fiquei maravilhado com o gesto do nosso mais pequenino. Tem dois anos e veio há poucos dias. No fim de comer as sopinhas de pão e leite, tomou a taça nas mãos abertas e foi levá-la à copa, onde dois estavam a lavar a louça. Tudo por ele. Ninguém mandou. Viu os outros e fez também. Muito bem feito!

Eu estava à porta da cozinha a ver aquela maravilha. Os mais pequeninos, geralmente, tomam o pequeno-almoço na cozinha, pois levantam-se mais tarde. É sempre um encontro o pequeno-almoço.

Este mais pequenino veio com dois irmãos. Também duas irmãs que não puderam ficar, pois as nossas Casas são só para meninos. O pai é um homem muito humilde e teve de ficar com seis filhos. A mãe abandonou a família e foi livremente à vida.

Parece mais um acontecimento normal da sociedade dos nossos dias. Que pena a orfandade de mãe destas crianças!

Padre Horácio

melhor, deixava a boca falar da abundância do coração. Ele «via» no alto da nossa mata, portas abertas para o caminho público que a margina, uma coroa de casas para os seus Rapazes. «A Obra tem de ser completa. Nós não queremos 'capelas incompletas'. Somos Família para os que a não têm; e temos de preparar os Rapazes para uma Família que não o pode ser sem lar.»

Ao passar hoje à beira do muro da nossa mata, a caminho do lugar de Vales, onde vão ser erguidas as primeiras casas, «escutei» de novo aquelas palavras é rejubilei porque a «visão» vai ser realidade ali bem perto. E que airoso o lugar! E como a convergência de boas vontades vai desfazendo pedras de tropeço, tais a da água indispensável, a do caminho ainda tão rústico mas em vias de tornar-se estrada muito em breve — ouvimo-lo da boca do Presidente da Câmara. Só falta o meio de tornar mais próxima a estação de Cête onde a maioria dos habitantes daquele lugar toma, diariamente, o comboio para o seu trabalho.

O primeiro ensaio de realização deste anseio de Pai Américo custou-lhe amarguras indizíveis. A contradição é o sal com que são temperadas estas empresas nascidas de um coração sequioso de Justiça. «A inércia tem muita força.» E a vulgaridade das maiorias e a mesquinhice de alguns tornam amargo o que, desde o princípio e sempre, devia ser doce.

Nesta hora feliz, é justo que se saiba que os frutos prestes a colher foram adubados com sangue. O vitral da nossa Capela não está lá por mero ornamento. É o brasão que Pai Américo escolheu para si. Ele foi um Pelicano.

● O segundo número do programa foi o Baptizado do Diogo Alexandre, aos pés do mesmo Altar onde seus pais fundaram a Família que são.

Cento e dois anos depois de ter nascido o avô, filho de homem, nasce o neto, filho de Deus.

Que a circunstância de lugar e de tempo não tenha sido apenas uma opção sentimental do Alexandre e da Emília. Mas signifique para o Diogo Alexandre um acidente que, nada acrescentando à essência do Sacramento, todavia o marque com uma bênção especial, que o ilumine e fortaleça e o conserve sempre fiel à Graça agora recebida, tal como o avô Padre Américo.

● Neste domingo, o Evangelho segundo S. Lucas, recorda-nos a admoção de Jesus aos Seus discípulos: «Importa orar sempre sem desfalecer».

Também esta palavra me situou mais profundamente na comemoração que fazíamos. É que foi ela o tema de meditação com que Pai Américo iniciou a reunião dos padres, nesse dia no Tojal, e a primeira a que eu assisti, ainda seminarista. É natural, pois, que a memória se não tenha apagado.

Orar sempre, sem desanimar, foi o húmus em que Pai Américo semeou. Por isso tão fértil a sua vida.

Não que fosse um homem postado em oração demorada. Mas a intimidade com Deus era constante, até porque a sua vida decorria entre

a Presença Eucarística de cada manhã e a Presença nos Pobres a quem servia no resto do dia.

Mas, em determinadas ocasiões, era ali mesmo, fixo diante do Sacrário, a sua posição. Por exemplo: Quando tinha de preparar alguma fala. E nos dias de Confissão, enquanto os padres atendiam os seus Rapazes, ele ali estava no seu cantinho na Capela, implorando e ajudando a merecer a conversão de cada um.

Disseram-me hoje que um licenciado em Teologia está preparando o seu trabalho final sobre «o Padre Américo e a oração». Deus o ajude, pelo muito que o seu trabalho há-de ajudar a muitos.

● Uma faceta de Pai Américo, muitas vezes apontada mas nunca desenvolvida, é a sua garra de homem de letras.

Característica da sua inspiração era o poder de síntese. O verbo é a palavra activa. Quantas vezes, com um só verbo, Pai Américo expressava um pensamento profundo.

Aconteceu que, estes dias, o Editorial de um diário começava pela

citação de uma escritora de língua inglesa, de nome Ruth E. Renkel: «Nunca tenha medo das sombras. Elas significam que há uma luz que brilha em qualquer outro lugar».

Pai Américo deixou um dia publicar, no nosso jornal, uma foto que apresentava a sua sombra projectada no chão. E pôs-lhe a legenda:

«A sombra diz que a Luz é.»
A sua perspectiva era sobrenatural. Por isso a Luz em caixa alta. Mas a imagem é igualmente válida no plano da natureza e é soberba pela contenção, pela economia no uso da palavra. Uma forma de produzir beleza!

Padre Carlos

Património dos Pobres

★ Tirei um dia e fui dar outra volta a ver como vivem alguns dos nossos irmãos mais pobres. Cheguei ao fim e senti-me triste.

A primeira paragem foi numa construção em ruínas. Apareceu o homem. Cara de preguiçoso. Parece que só sabe beber e gerar filhos. A mulher trabalha, aos dias, fora. Ele desculpou-se com palavras mansas.

Noutra aldeia encontrei a dona de casa. Muito doente. Estava sentada ao sol. Já construíram e a casinha está bonita. A pobre doente pregou-me uma mentirita. Sorri e calei-me. Fui um desconhecido que por ali passou.

Continui. Já longe, parei junto de duas casas que supunha já arranjadinhas. Perto duma delas estava a dona encostada à esquina. Mulher ainda nova, com aspecto definhado. Ficou com os três filhos que o marido abandonou. É raro ganhar alguma coisa. Vivem não se sabe como. As paredes da pobre casita estão ornamentadas de figuras nuas. Tudo muito abandonado.

À noite assisti, numa vila, a uma reunião de cristãos que se querem comprometer mais a ajudar os irmãos. Muitos participantes, quase todos vicentinos. Professores, comerciantes, o pároco. Apresentaram um vasto panorama de carências: Casais novos a viver com os pais, quase amontoados de pessoas. Famílias em casebres sem divisões. Uma, numerosa, a viver em moinho antigo e abandonado. E mais. E mais.

Fizeram plano de trabalho. No dia seguinte um grupo iria à sessão de Câmara pedir terreno, plantas e ajuda no orça-

mento. Outros iriam animar casais que deixaram cair os braços. Outros iriam de outro modo. Todos nos despedimos com esperança e comprometidos.

★ Este plano de ajudar os irmãos a ter sua casa com o mínimo de condições tem de juntar o compromisso de muita gente. Devia ser compromisso de todos os cristãos. O amor a Deus anda intimamente ligado ao amor do Próximo. É necessário estarmos atentos e darmos solução às manchas de pobreza, como chamou a atenção o Bispo de Coimbra, no dia 13, em Fátima. A situação em que vivem muitos dos nossos irmãos é um pecado do nosso tempo.

Felizmente que, como os vicentinos daquela vila, há muitos que se sentem comprometidos. Anima-nos sempre a presença pontual de alguns.

Chegou carta, de Lisboa, com cheque de cinco contos e um abraço para mim. É de alguém atento. Outra carta, de Lisboa, com cartão e cheque de cem mil. É de senhora amiga que lê O GAIATO há 35 anos e sempre tem partilhado das nossas aflições. Veio um casal amigo. «Os Pobres têm sempre um quinhão.» Deixou um sobrescrito com cinquenta notas de conto. O correio, de ontem, trouxe, de Coimbra, um cartão com cheque de trezentos e esta mensagem escrita: «Se todos os que têm casa se lembrassem dos que a não têm e dessem uma ajudinha conforme as suas posses, quanto se poderia avançar na resolução deste angustiante problema!»

Padre Horácio

RECORDAR

Pai Américo teve um ano de grande azáfama — em 1943 — com a instalação da Obra da Rua, em Paço de Sousa. Materializava um sonho: a construção duma Aldeia dos Rapazes, testando a segurança do caminho trilhado na formação do garoto das ruas. Pouco tempo dispunha para estar na Casa-Mãe. E quando sim, falávamos... Na falta de pai natural que Deus levava, proporcionava-me outro — de visão transcendente. Graças a Deus!

Em Miranda do Corvo, a vida comunitária — modelo para as comunidades nascentes — cativa o recém-chegado: Formação moral e espiritual, trabalho, disciplina, chefes (da mesma massa) com suas atribuições e dando conta — para se «fazer de cada rapaz um Homem».

Lembro trabalhos no monte, na floresta em busca de mato para a vacaria e lenha para o fogão, os mais velhos ao volante do carro de bois. Também, a senhora pôs em nossas mãos um aventalzinho — para servir à mesa — com aula-magna de por menores que faziam escola. Aliás, Pai Américo tinha gosto pelo arranjo e aprumo dos pequeninos refeitores.

Júlio Mendes

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da página 1

Antes de entrar no lar do Alexandre e da Emília juntámo-nos na casa do Zé Alves e da Adelaide. Outro casal feliz, por ver realizado o sonho da sua vida — ter a sua casa.

Se o problema da habitação diz respeito aos governantes, de modo algum pode ser alheio aos primeiros interessados (os que não têm casa) que podem fazer muito e a sua quota parte não pode nem deve ser assumida por outrem. Aos poderes públicos compete criar necessária e primeiramente as condições para que o cidadão ponha a render o seu capital que não é, necessariamente, só o dinheiro, a fim de gozar dum direito fundamental e entre os primeiros, que é o de ter uma casa digna.

Deixamos, nestas notas, caminhos estreitos mas seguros e certos para avançar no sentido de enfrentar com eficácia o problema da habitação.

3 Na volta que dei pelas nossas Casas do Gaiato, fui encontrar o Filipe, aqui falado, na quinzena passada. Dois irmãos mais velhos estão cá. Ele, não. De três anos apenas, não o trouxemos para junto dos irmãos, porque não dispensa o dedo feminino da «mãe». Ficou em Setúbal, na Casa do Gaiato, onde a Isaura lhe dá o que é e tem. Aqui ficaram os dois irmãos com saudades do Filipe, mais a dor da separação que nos aflige, também.

Padre Manuel António



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Outubro: 80.950 exemplares